

UBC lança série sobre as mulheres na música

PÁGINA 2



Ser pai impacta obra de Kamasi Washington

PÁGINA 3



Série mostra trajetória de dupla de hitmakers

PÁGINA 7



## 2º CADERNO



Kalebe



Luana Berti



Mariana Volker

Divulgação

# Aqui o independente tem vez (e voz)

Nascido no YouTube para alavancar a música autoral de jovens artistas, o Som na Lata chega ao canal fechado Woo-Hoo

**C**riado como uma iniciativa para Youtube focada em dar visibilidade para artistas independentes, o Som na Lata estreia na televisão também, em parceria com o canal WooHoo, focado em esportes de ação, jogos eletrônicos, música e comportamento jovem. Os episódios inéditos serão lançados, semanalmente, nas segundas-feiras às 20h, a partir desta segunda-feira (11).

“A parceria do Som na Lata com WooHoo tem sido uma experiência incrível. O canal, assim como outras frentes, prospectará o projeto



Divulgação

Dudalu

como um todo a partir de março. Com apenas alguns meses, conquistamos um público fiel, que semanalmente aguarda os conteúdos do programa no YouTube, tanto de shows autorais como de entrevistas de artistas e profissionais do mercado da música”, conta a artista Dani Guimarães, CEO e idealizadora do projeto, juntamente com seu namorado Luiz do Brownie, onde juntos tem um duo autoral chamado Dudalu.

As primeiras performances neste formato foram gravadas dentro dos estúdios do WooHoo, no Rio, e terão um lançamento realizado em três partes - primeiro na TV, depois no YouTube e as performances serão reunidas em EPs nas plataformas de streaming. O acervo do projeto, com dezenas de performances já lançadas, também chegará nas plataformas até o início da nova temporada.

“Gravamos desde meados de 2023 mais de 50 artistas, 200 músicas autorais, e no ano que vem nosso objetivo é alcançar novos lugares e pessoas”, comemora Dani. “A partir do dia 08/03, lançaremos um ep ao vivo inédito de algum artista toda semana! Os primeiros serão Luana Berti e SalDoce”.

Com um compromisso genuíno com a promoção de novos talentos, Som na Lata emerge como um ponto de encontro essencial para artistas que buscam visibilidade e para espectadores ávidos não apenas para a música, mas para a diversidade e inovação no cenário artístico contemporâneo.

## CORREIO CULTURAL

Montagem



Akira Toriyama e alguns de seus personagens

## Morre Akira Toriyama, criador do mangá Dragon Ball

O criador dos populares mangás e desenhos animados “Dragon Ball”, Akira Toriyama, morreu aos 68 anos no dia 1º de março. Toriyama morreu em decorrência de um hematoma subdural. A informação foi confirmada no último fim de semana. Em nota publicada no perfil oficial de Dragon Ball no X, antigo Twitter, o artista japo-

nês faleceu de complicações causadas por um hematoma subdural, que é quando acontece um acúmulo de sangue entre o cérebro e seu revestimento externo, o crânio.

Toriyama, que nasceu na cidade japonesa de Nagoya, tinha várias obras em andamento, segundo o perfil do Dragon Ball.

### Pindaíba

O Festival Amazonas de Ópera, o mais tradicional dedicado à arte lírica no país, não vai ocorrer neste ano. O motivo é a falta de verba do governo estadual para o cumprimento da agenda programada para a 26ª edição, que ocorreria em abril.

### Na telinha

Giovana Antonelli está de volta aos cinemas na comédia romântica “Apaixonada”, com direção de Nathalia Warth, já em cartaz nas salas de exibição. O roteiro é uma adaptação do romance “Apaixonada aos 40”, de Cris Souza Fontes.

### Contra-ataque

“Chega Mais”, novo programa que entra na grade matinal do SBT nesta segunda (11), fez a Globo se mexer. A concorrente preparou atrações para a semana de estreia, entre as quais o retorno de Ana Maria Braga após período de férias.

### Fake news

Ney Matogrosso ironizou o boato de que estaria internado, em São Paulo, com problemas de saúde. Nas redes sociais, o cantor de 82 anos publicou foto com amigos num restaurante com uma taça de vinho. “Olhem como estou mal! Rsss”, escreveu.



Fernanda Takai e participantes do projeto nos bastidores da gravação

# O talento feminino em expansão

Projeto reúne 10 artistas, entre compositoras, cantoras, musicistas, arranjadoras e produtoras, culminando na produção de um single e série de quatro episódios

Neste mês em que se celebra o Dia Internacional das Mulheres, a União Brasileira de Compositores (UBC) lançou a série “Song Camp - Por elas que fazem a música”, iniciativa pioneira que destaca e promove o talento feminino na indústria musical. O primeiro episódio já está disponível no canal de YouTube da UBC.

Realizado ao longo de uma semana, em janeiro de 2024, o primeiro song camp exclusivo para mulheres concebido pela UBC foi uma jornada de criação coletiva e empoderamento feminino. O cenário escolhido para este encontro criativo foi o espetacular estúdio Sonastério (MG), onde dez talentosas criadoras — entre compositoras, musicistas, arranjadoras e produtoras — se reuniram para compartilhar suas experiências, ins-

pirações e talentos.

As dez participantes deste projeto inédito são Bruna Souza, Coral, Ju Lazuli, King Saints, Larissa Umaytá, Letícia Fialho, Lio Soares, Livia Nery, Luiza Brina e Nath Rodrigues, todas trazendo diversas origens, gêneros e histórias de vida para a mesa de criação.

A série é composta por quatro episódios, lançados semanalmente, que documentam o processo de criação e a dinâmica de colaboração dessas artistas.

O projeto culminará com o lançamento oficial da música “Deixa Florescer”, composta, produzida e gravada durante o song camp, nas principais plataformas digitais, no dia 28 de março, coincidindo com o último episódio da série.

O Song Camp atingiu sua meta de produção de uma música inédita e ultrapassou expectati-

vas ao compor outras canções ao longo da semana, evidenciando a força e a sinergia do grupo. Fernanda Takai, diretora da UBC e mentora o projeto, expressou sua admiração pelo processo e pelo trabalho desenvolvido pelas participantes, que continuaram sua criação musical mesmo fora do estúdio, reunindo-se na piscina do hotel para seguir compondo.

“Um projeto como este fortalece essa experiência entre mulheres, num ambiente seguro, afetivo, com excelência técnica, mostrando que as diferenças entre cada uma delas, são seu maior trunfo! Belas canções surgiram, além de uma cumplicidade feminina plural”, afirma.

A produtora musical, cantora e compositora Luiza Brina, uma das participantes, resumiu a experiência do grupo: “Deu bom. A gente esperava uma sintonia, mas foi muito além”.

Pesquisa realizada pela UBC mostra que apenas 10% do total dos rendimentos gerados pelos direitos autorais são destinados a mulheres. O dado foi divulgado na pesquisa “Por Elas Que Fazem a Música” e mostra a desigualdade de gênero que persiste na indústria.

O estudo é dividido em segmentos, de acordo com a origem dos direitos autorais. O maior crescimento de participação feminina ocorreu no segmento de shows, com a explosão dos festivais de música, depois dos anos da pandemia.

# A paternidade mexeu com Kamasi

Jazzista aborda temas mundanos em 'Fearless Movement', seu próximo álbum, que chega em maio

Por **Affonso Nunes**

Um dos nomes mais significativos da nova geração de jazzistas, o saxofonista Kamasi Washington confirmou para o dia 3 de maio o lançamento de "Fearless Movement", seu próximo álbum. O trabalho vem antecedido pelo single, "Prologue", que estreou junto com um vídeo dirigido por AG Rojas.

No dia seguinte à chegada do disco ao mercado, Washington sai em turnê norte-americana, que começa em 4 de maio em Nova York

e termina com sua participação no Hollywood Bowl Jazz Festival, que ele organiza com Herbie Hancock, em 16 de junho.

Em declarações à imprensa estadunidense, o músico tem chamado "Fearless Movement" de seu álbum de dança. "Não é literal. Dança é movimento e expressão e, de certa forma, é a mesma coisa que música — expressar seu espírito por meio do corpo. É isso que esse álbum está propondo", comenta o instrumentista e produtor.

A dança chega neste trabalho como uma forma de expressão corporificada e aponta para uma



Divulgação

**Kamasi diz que a paternidade impactou sua música**

mudança no processo criativo de Kamasi cujos álbuns anteriores tratavam de ideias cósmicas e conceitos existenciais. Em fase final de produção, o novo trabalho concen-

tra no cotidiano, uma exploração da vida na Terra. Essa mudança de escopo se deve, em grande parte, ao nascimento da filha de Washington, há alguns anos.

"Ser pai significa que o horizonte de sua vida aparece de repente", diz o músico. "Minha mortalidade ficou mais evidente para mim, mas também minha imortalidade - percebendo que minha filha vai continuar vivendo e verá coisas que eu nunca verei. Tive que me sentir confortável com isso, e isso afetou a música que eu estava fazendo", admite.

O álbum apresenta a filha de Kamasi - que escreveu a melodia de "Asha The First" durante algumas de suas primeiras experiências com o piano - bem como uma série de colaboradores novos e antigos. André 3000 aparece na flauta, George Clinton empresta sua voz, assim como BJ The Chicago Kid, o rapper de Inglewood D-Smoke e Taj e Ras Austin do Coast Contra, os filhos gêmeos da lenda da Costa Oeste Ras Kass. O artista também recrutou amigos e colaboradores de longa data, como Thundercat, Terrace Martin, Patrice Quinn, Brandon Coleman, DJ Battlecat e outros.

O álbum também apresenta "The Garden Path", uma música que Kamasi cantou pela primeira vez, fazendo sua estreia no "The Tonight Show Starring Jimmy Fallon".

## CRÍTICA / DISCO / ESTAR AO REDOR

# Saúdo mais um nome que chega para brilhar

Por **Aquiles Rique Reis\***

Faz tempo que minha amiga e produtora de filmes Glaucia Carmagos me entregou o álbum físico Chão de Nuvens, o primeiro disco autoral/instrumental de seu filho Paulo Francisco Paes. Lançado em 2013, o trabalho teve a participação de Leo Gandelman e Paulo Sergio Santos.

Nascido no Rio, em 1982, arranjador, compositor de canções e trilhas sonoras para cinema, teatro e tevê, Paulo Francisco iniciou seus estudos musicais aos onze anos, na UFRJ. Depois, em Madri, estudou piano durante cinco anos com a professora russa Galina Egiazarova, da Arcadi Volodos. Daí vem sua formação erudita.

Mas eis que recebi o EP digital Estar ao Redor, o primeiro disco de canções de Paulo Francisco. Para gravá-lo, pela primeira vez deu-se

a cantar duas de suas composições. E convidou duas ótimas cantoras para dividirem o canto com ele: Luísa Lacerda (que gravou quatro das oito músicas do disco) e Ilessi (que gravou duas). No álbum se sobressai a verve popular do moço.

Seus arranjos têm a simplicidade de quem saca que menos deve e pode ser mais. As instrumentações são enxutas, aptas a privilegiarem as harmonias bem constituídas, assim como a emoldurar as melodias com bom-gosto. Fica nítido o bem-estar que as cantoras demonstram ao cantar, sentindo-se amparadas pela cama musical oferecida pelo arranjador.

A tampa abre com Paulo can-



Divulgação

tando e tocando no piano sua composição "Fora do Tempo" (<https://youtu.be/gYFnyQRcYUU?si=k2exbr5nZ5b2gh60>). A interpretação é digna de iniciar com essa canção delicada.

A seguir, "Chão de Sol" (<https://youtu.be/gYFnyQRcYUU?si=k2exbr5nZ5b2gh60>), de PF

e Gustavo Vilela, traz o violão de Pedro Franco acompanhando o cantar de Ilessi.

E vem "Baião de Nos" (<https://youtu.be/gYFnyQRcYUU?si=k2exbr5nZ5b2gh60>), de PF e Gustavo Vilela. Paulo deu uma crescida no arranjo, acrescentando o clarinete de Batista Jr. e o cello de Hugo Pilger ao violão de Pedro Franco, o que resultou num bom amparo para a voz de Luísa Lacerda.

"Estar ao Redor" (PF e Gustavo Vilela) tem arranjo igualmente pujante, com Paulo cantando acompanhado do violão de Pedro Franco, do cello de Hugo Pilger e do violino de Priscila Rato. Mais um momento inspirado.

"Catarse" (PF) tem a voz segura e poderosa de Ilessi, apoiada pelo violão de Pedro Franco.

Já em "Dias Assim" (PF), Luísa Lacerda tem a possibilidade de arrasar ainda mais, cantando só com Paulo Francisco ao piano.

A penúltima música, "Flor de Outono" (PF e Gustavo Vilela), permite a Luísa Lacerda reafirmar seu talento. A acompanhá-la, Pedro Franco (violão), Hugo Pilger (cello) e Romulo Barbosa (flauta).

Fechando a tampa com chave de ouro, "Longe" (PF e Gustavo Vilela). Novo show de bola de Luísa Lacerda, agora acompanhada apenas pelo violão de Eduardo Sodré.

Ao final da audição, resta a certeza de que Paulo Francisco Paes é um músico que, por lhe acrescentar diversidade e encanto, certamente brilhará na música brasileira.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# Para desmoronar preconceitos

Espectáculo busca mudar a percepção social sobre as entidades afro-brasileiras

**A** cumulando 17 Prêmios e 24 indicações, o espetáculo “Menina Mojubá”, em cartaz no Teatro Glauce Rocha, busca desconstruir preconceitos relacionados às religiões de matriz africana através da história empática de uma pombagira chamada Menina. Trazendo elementos autênticos da ritualística de terreiro, como os sons vibrantes do tambor, o aroma envolvente das ervas e outros elementos, a peça oferece uma imersão cultural.

Partindo do princípio de que a falta de conhecimento é o que sustenta a intolerância religiosa, “Menina Mojubá” coloca a existência de uma entidade de origem afro-brasileira no coração do debate, com o objetivo de questionar e desconstruir preconceitos.

Com dramaturgia e atuação de Marcela Treze e direção de Gabriel Gama, o espetáculo revela a história de Menina, uma criança que cresceu na rua, conheceu as durezas da miséria, foi exposta a caminhos ilegais e esbarrou em um cortiço onde conheceu a maldade humana, mas Menina carregava em si uma força ancestral que a fez rainha no mundo espiritual. Sendo assim, ela busca garantir não só a própria sobrevivência, mas a de



Bia Póvoa/Divulgação

*Marcela Treze espera que o público se encante com a beleza da pombagira*

todos que são mercedores do seu amor.

“Menina Mojubá” tem o potencial de contribuir para o

processo de desconstrução de preconceitos enraizados em relação às religiões de matriz africana, humanizando as entida-

des, como explica Marcela. “O espetáculo conta a história da pombagira de maneira empática, fazendo com que o pensamento

imposto pela sociedade, muitas vezes demonizando este ser, se transforme em um novo olhar sobre essas entidades, criando uma relação mais humana e menos mistificada”, destaca a atriz a autora.

A peça se destaca por incorporar elementos autênticos da ritualística de terreiro, como os sons vibrantes do tambor, o aroma envolvente das ervas, e os pontos cantados, proporcionando uma imersão completa aos espectadores. “O público é surpreendido ao entrar no espetáculo com o aroma das ervas e incensos depois de tomar uma cachaça branca para aguçar os sentidos, enquanto os músicos tocam para exu nos atabaques. Durante o espetáculo, são sete trocas de figurinos, dando vida e identidade aos personagens apresentados”, detalha Marcela.

“Menina Mojubá” toca em questões culturais profundas e urgentes. “Para nós, um grupo preto de axé, ter espaço para contar nossas histórias já é algo grande. Conseguir ser reconhecido, não só pelo trabalho artístico, mas pela beleza e força da trajetória de uma pombagira, é a sensação que estamos honrando a nossa ancestralidade”, defende Marcela.

“Menina Mojubá” é um espetáculo essencialmente pautado na ancestralidade, sendo também um movimento de reconhecimento e valorização das entidades de matrizes africanas, muitas vezes mal compreendidas e estigmatizadas na sociedade. “Todos os dias antes de começar a apresentação, eu peço aos meus guias que entreguem aquilo que as pessoas buscam ali. Peço para que saiam encantados pela beleza de pombagira e certos que essa entidade transmite amor”, conta.

## SERVIÇO

**MENINA MOJUBÁ**  
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro)  
Até 17/3, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

## ENTREVISTA / LUKAS MOODYSSON, CINEASTA E POETA

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A**presentado à realidade brasileira in loco numa visita ao Distrito Federal, em 2003, o sueco Lukas Moodysson dizia - à época de sua passagem pela América do Sul com o devastador longa-metragem "Lilja 4-ever" - que cinema não era sua maior diversão. Pelo fato de ele ser poeta, a cinefilia nacional, então concentrada no Brasília International Film Festival (BIFF), deu-lhe um desconto, ciente do peso da literatura em seu olhar. Mas nos 21 anos que se seguiram à sua visita, ele jamais desgrudou do audiovisual, com direito a um cult indicado ao Urso de Ouro da Berlinale em seu currículo ("Corações em Conflito", com Gael García Bernal). Passou ainda pela mostra Horizontes de Veneza com "Nós Somos As Melhores!" (2013) e dirigiu a série "Gösta", em 2019. Nesta tarde, ele vai falar de sua obra para o Bergamo Film Meeting (BFM), misto de festival e fórum de debates que nasceu em 1983, na Itália, para celebrar passado, presente e futuro da produção europeia. Integra o evento o filme mais recente do cineasta, "Together 99".

Na entrevista a seguir, Moodysson clama pela inquietude no processo de pensar a imagem.

**Qual é a dimensão de nostalgia, de "saúde", palavra típica da língua portuguesa, num filme que revê o passado de forma tão bela como "Tillsammans 99" ("Together 99"), seu longa mais recente, exibido no Festival de Toronto, em 2023?**

**Lukas Moodysson:** Esse é um aspecto em que penso muito. O passado versus o presente. Como lidar com a pessoa que já fomos, as coisas que fizemos e vivemos, o sentimento de perda, o sentimento de alívio por algumas coisas terem desaparecido, o orgulho de algumas coisas, a vergonha de algumas coisas. Interesse-me muito pelo passado. Tenho interesse não



## 'Os artistas são mais interessantes e divertidos quando estão confusos'

apenas pelo meu próprio passado, mas também pela Idade do Bronze ou pela Idade da Pedra. Tenho um machado neolítico na minha secretária. Acredito que é possível viajar no tempo. Por exemplo, recentemente vi na televisão, via Youtube, muitos esportes antigos, sobretudo esqui de fundo, dos anos 70 e 80, a que assistia quando era jovem. É fantástico, não é propriamente nostálgico, mas é mais como um fato real, como se fosse transportado no tempo. Muitas vezes não faço ideia de quem ganha a corrida entre os esquiadores, por isso é uma surpresa. Há também um sentido de humor nisso. Acho a palavra "nostalgia" um pouco pesada, triste e demasiado séria. Para mim, viajar no tempo é um pouco mais realista. É agradável e divertido comer exatamente o chocolate de que se gostava quando se era criança.

**Onde é que o poeta Moodysson se encontra com o cineasta Moodysson? Como é que a sua poesia afeta o seu cinema? Que temas perseguem mais conscientemente o seu verso e, até certo ponto, a sua prosa?**

Tenho a ideia de que quero ter mais estranheza na minha poesia e nos meus filmes, mas também mais comédia. São duas qualidades que nem sempre andam de mãos dadas, por isso é uma luta, mas é isso que torna o processo criativo interessante. Sinto falta de comédia e de riso na maior parte do cinema dito "sério". Por outro lado, falta seriedade na maioria das comédias. Os temas da minha poesia? Não penso muito em termos de temas, mas estou tentando escrever alguns poemas novos neste momento e tento torná-los agressivos como se fossem algo quase punk.

**O senhor esteve no Brasil em 2003, no Brasília International Film Festival (BIFF), com "Lilja 4-ever" ("Para Sempre Lilja"). O que mudou na sua estética desde então?**

"Lilja 4-ever" não é o meu filme favorito. Prega demasiado. É como se eu, como realizador, estivesse dizendo: o mundo é exatamente assim. Hoje em dia tento não pregar. Os artistas são mais interessantes e mais divertidos quando estão confusos.

**Como é o cinema na Escandinávia hoje, em termos de financiamento e produção estética, e como a produção de séries alterou o espaço de liberdade e criação no cinema da Suécia e de seus países vizinhos?**

Sou... ou tento ser... um outsider. Tento evitar estar no centro

das coisas. Eu me sento na minha casa no campo e escrevo coisas e tento não pensar muito no que as outras pessoas estão a escrever ou a realizar. Falo mais com os meus três cães do que com outros realizadores. Por isso, não sou a pessoa certa para perguntar sobre o cinema sueco ou europeu em geral. Não vejo muitos filmes. Tenho um produtor fantástico, na verdade agora tenho dois, Lars Jönsson e Anna Carlsten, e sem eles nunca conseguiria fazer filmes. Mas parece que está a ficar cada vez mais difícil financiar filmes, especialmente se forem um pouco experimentais ou não convencionais. Acho que hoje não teria conseguido fazer A hole in my heart ou Container. E há demasiadas pessoas a dar opiniões.

**O seu cinema é uma espécie de cartografia da solidão e do abandono. O que esses extremos têm de político?**

Não tenho a certeza se é político. No passado, eu era mais político. Tento ter cada vez menos opiniões e não acredito em nenhuma ideologia. Eu me interesso pelos seres humanos, pela beleza. Também tenho interesse pela sociedade, mas a um nível mais profundo do que aquele oferecido pelos olhos da política.

CRÍTICA / FILME / OS FAROFEIROS 2

## MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES  
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

## Papo com Michel Foucault

Antes de o carnaval mostrar suas máscaras, o editor deste diário me disse: “você tem de viajar a Poitiers, França, para entrevistar um dos maiores filósofos de todos os séculos”. No dia seguinte, já estava na cidade em que nasceu Michel Foucault. Ele me esperava. Em 15 de outubro deste ano, suas palavras completarão 98 anos e, desde 1979, quando publicou sua “Microfísica do Poder”, Foucault, após 44 anos, permanece não compreendido, porque seu pensamento sobre o poder - que segue as linhas sinuosas de Nietzsche - afirma que o poder é presença-e-ausência ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Encontrar pessoas é encontrar palavras, e eu as encontrei quando Michel Foucault pensa o poder.

**Antes de mais nada, obrigado por receber o Correio da Manhã.**  
Por nada, é sempre bom receber o Brasil em minha casa.

**Do Brasil, o que te atrai mais?**

Estive em sua terra em 1965, 1973, 1974, 1975 e em 1976, e digo que terá sido apenas no Brasil e na Tunísia que eu encontrei, entre os estudantes, tanta seriedade e tanta paixão, paixões tão sérias e, o que me encanta mais do que tudo, a avidez absoluta de saber.

**E hoje?**

Hoje me chama atenção o dualismo político, é um país que não consegue sair da dicotomia pós-64, que é ditadura-liberdade, militarismo-comunismo, Bolsonarismo-Lulismo. Esse dualismo, porém, não representa o poder que ocorre no cotidiano.

**Por que não representa?**

Há 44 anos, publiquei na França “Microfísica do Poder” e, em suas páginas, falo de um poder que é e que não é ao mesmo tempo, um poder que é, ao mesmo tempo, luz e escuridão, um poder cuja não identidade é identidade. Esse poder é o mesmo de Nietzsche.

**Mas não é o de Karl Marx.**

Não é. Marx não detalhou a natureza da luta de classe, mas acabamos herdando uma noção muito pobre de luta.

**Por quê?**

Porque o poder não se reduz ao dualismo simplório entre o bem e o mal. Para sairmos disso, a leitura necessária é Nietzsche, o filósofo do poder, porque, diferente de Marx, não se fechou em uma teoria política. Nietzsche foi muito além disso, porque nos mostrou um poder de natureza neutra.

**Mas dizem que o poder não é neutro?**

Ignoram, então, o que é neutro.

**O que é o neutro?**

A própria palavra significa “nem um nem outro”, estando entre um-e-outro. Meu amigo Roland Barthes tem um ótimo sobre isso, “O Neutro”. Antes de Nietzsche, Platão já tinha apresentado o poder em sua condição neutra.

Ainda hilário,  
na marca da ousadia

Divulgação



**Longa repete fórmula do blockbuster que levou 2,6 milhões de pagantes aos cinemas**

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**F**az tempo... muuuuuito tempo... que uma comédia hollywoodiana não vira um estouro pop. A última foi “Ted”, de Seth MacFarlane, com Mark Wahlberg. Isso foi há... 12 anos. Há muitas razões para essa derrapada do gênero em telas americanas, como as crises econômicas por lá - na virada Obama-Trump-Biden - e como as patrulhas ideológicas sobre o riso.

Já no Brasil, ainda que esses aparelhos de censura estejam cada vez mais ferozes, o filão vingou... e ainda vinga... sobretudo por conta da sinergia de uma dupla autoralíssima: o roteirista Paulo Cursino e o diretor Roberto Santucci. Unidos durante a feitura do êxito comercial “De Pernas Pro Ar” (2010), eles fundaram franquias (“Até Que A Sorte Nos Separe”), consagraram nas telonas estrelas já famosas na TV (Leandro Hassum e Ingrid Guimarães) e emplacaram via streaming o filme de Boas Festas mais bem acolhido (e mais encantador) de nosso audiovisual: “Tudo

Bem No Natal Que Vem” (2020). Fizeram tudo isso sempre peitando interditos morais, numa estrutura classificada com uma expressão por vezes indigesta na indústria: a “neo-chanchada”. O termo, cunhado em 2012, refere-se a longas-metragens de humor que retratam as subjetividades das classes que “emergiram” no Brasil (ou seja, ampliaram seu poder de consumo) nos últimos 20 anos. A saga da franquia “Os Farofeiros” é uma delas, das boas.

O primeiro, lançado em 2018, vendeu 2.604.658 ingressos, consagrando-se como blockbuster. O segundo chegou às telas na quinta. O desafio de Santucci e Cursino, desta vez, é provar que, depois do degelo da pandemia, num tempo de restrições moralistas diversas, a gargalhada rasgada que eles buscam ainda pode ser rentável, ainda pode ser a maior diversão.

Bem... de boas atuações a parte dois está repleta, a se destacar a de Aline Campos, que virou a Goldie Hawn do Brasil, sempre com a expressão de perplexidade precisa nas horas de apuro.

É igualmente imponente a composição de Antônio Fragoso

como Alexandre, gerente de um time de vendedores que ganha um feriadão num resort da Bahia e se vê forçado - por imposições de sua chefia - a levar seus camaradas consigo. Lima (Maurício Manfrini, o Paulinho Gogó, que é um ímã de risadas), Rocha (Charles Paraventi) e Diguinho (Nilton Bicudo) embarcam com ele no que vai ser a “roubada” do ano.

Levam filhas, filhos e companheiras: Renata (Danielle Winitis) Jussara (uma Cacau Protásio impecável no timing da troça), Ellen (a já citada Aline, que não erra uma deixa) e Vanete, vivida por um dinamo do teatro carioca, Elisa Pinheiro. Sempre na leveza, Elisa, com ares de Lois Lane (repleta de sacadas de ternura), e Danielle (com amplo ferramental cômico) dão a medida da doçura de uma ciranda de quiprocós. A sequência do toboágua GG é para ficar nas retinas.

Por vezes, o uso de certos termos e representações hoje “cancelados” pela sociedade pode irritar alguns, em parte por Cursino e Santucci operarem nas raias da provocação, bem escudados na fotografia de Marcelo Brasil.

# A fábrica de sucessos da MPB

Série conta trajetória de Sullivan e Massadas, dupla que compôs 700 canções e dezenas de hits dos anos 1980

Por **Matheus Rocha** (Folhapress)

**A**lém de serem clássicos do cancionário nacional, as músicas “Me Dê Motivo”, “Um Dia de Domingo”, “Whisky a Go Go”, “Deslizes” e “Uni-Duni-Tê” compartilham mais um elemento em comum. Todas foram criadas por Michael Sullivan e Paulo Massadas, artistas por trás de vários dos principais sucessos que marcaram os anos 1980 e 1990.

Para recontar a trajetória da dupla, a Globoplay lançou a série documental “Sullivan & Massadas: Retratos e Canções”. Dirigida pelo jornalista André Barcinski, a produção é dividida em cinco episódios e fala sobre o impacto dos dois na indústria fonográfica.

“Sempre achei que eles mereciam um documentário, porque eram realmente uma fábrica de sucessos”, diz Barcinski, autor de livros como “Pavões Misteriosos”, que analisa a explosão da música pop no Brasil nos anos 1970. “Acho que era uma coisa meio óbvia fazer um documentário sobre eles. Possivelmente, foram os compositores de maior sucesso da história do Brasil.”

Além de dominar as rádios, as composições da dupla viraram trilha sonora de novelas, embalando mais de 30 tramas. As obras também ganharam vida na voz de Xuxa, que entoou canções que se tornaram clássicos infantis, como “É de Chocolate” e “Lua de Cristal”.

Para Barcinski, o sucesso é fruto

da experiência que tiveram quando tocaram em bailes, nos anos 1970.

“Eles percebiam in loco a reação do público. Não tem um laboratório melhor para você fazer música de sucesso do que tocar para muita gente durante tanto tempo”, diz Barcinski. “Somada à história pessoal de cada um, isso os ajudou a fazer músicas que eram compreendidas e amadas por gente de todos os espectros sociais, geográficos e etários.”

Paulo Massadas diz que os bailes de fato tiveram papel determinante para sua carreira. “Essa formação nos ajudou a conquistar a visão que a gente conquistou”, diz ele, acrescentando que o sucesso também é resultado de suas origens. Sullivan nasceu em Pernambuco, enquanto Massadas é carioca. Essa mistura os ajudou a criar trabalhos ecléticos, que flertavam com diferentes gêneros musicais. “O nosso repertório tem diferentes estilos, como xote, baile, frevo e rock. Ele trouxe muita coisa do Nordeste; eu, do Sudeste.”

Esse ecletismo fez com que eles trabalhassem com artistas tão díspares quanto Gal Costa, Leandro e Leonardo, Alcione, Sandra de Sá e Tim Maia. Foi ele, inclusive, quem deu voz ao primeiro hit da dupla, a música “Me Dê Motivo”, de 1983. Os dois haviam se conhecido anos antes, na década de 1970, quando tocavam em um grupo musical.

Em razão da importância de Tim Maia para a carreira da dupla, um dos cenários do documentário é o Theatro Municipal de Niterói,



Na série, Sullivan e Massadas contam histórias em torno de suas centenas de criações. Suas canções foram gravadas por artistas como Roberto Carlos, Xuxa, Tim Maia e Roupas Nova, entre outros

Reprodução



Sullivan, Roberto Carlos e Massadas nos anos 1980

Reprodução



A maioria dos sucessos de Xuxa foi composta pela dupla

onde o cantor fez o último show antes de morrer, em 1998, aos 55 anos. Esse espaço recebeu um número musical em homenagem a eles, bem como a entrevista da apresentadora Xuxa, que gravou 47 músicas dos dois.

Os compositores conheceram a rainha dos baixinhos no programa “Clube da Criança”, da TV Manchete, emissora na qual ela começou a carreira. Nessa época,

Massadas deu a ideia de criar um disco infantil com a apresentadora. “Quando eu a vi, falei: ‘Cara, essa mulher vai acontecer’”.

Xuxa, no entanto, resistia em aceitar o convite. Dizia que não sabia cantar, mas acabou cedendo. “Na primeira gravação, ela estava super nervosa. Com o tempo, foi se acostumando.” A aposta do compositor se mostrou certa. Xuxa virou uma das campeãs de venda

nos anos 1980 e 1990.

Roberto Carlos, que também gravou músicas da dupla, aparece no documentário. O cantor raramente dá entrevistas, mas decidiu abrir uma exceção a pedido de Michael Sullivan. “O Roberto sempre liga pra mim no aniversário. Daí perguntei se podia me dar um presente.” O compositor perguntou se o cantor toparia participar do documentário. “Ele aceitou na hora”.

Apesar de terem produzido uma lista volumosa de sucessos, eles se viam alvo com frequência dos críticos. Diziam, lembra Sullivan, que tocavam à exaustão nas rádios porque compravam espaço ou que obrigavam os artistas a gravarem suas composições. “Começaram a inventar coisas e jogar isso no colo da imprensa.”

Sullivan explica que a campanha de difamação foi um dos estopins para o término da parceria entre os dois, em 1994. À época, o artista recebeu um convite da Sony para trabalhar em Miami. “Resolvi aceitar a proposta.”

Massadas acrescenta que a rotina frenética de trabalho foi outro motivo para o rompimento. Segundo ele, chegaram a produzir três músicas por noite. “Tudo o que é demais se exaure.”

O que não se esgota, contudo, é a amizade entre os dois. “Temos quase 700 canções juntos. São praticamente 700 filhos”, diz Sullivan. “O Paulo e eu fomos um casal que fez amor demais a vida inteira. Nos separamos há 30 anos, mas continuamos conversando. Filho dá problema para criar. Imagina quase 700, né?”, brinca.

CRÍTICA / RESTAURANTE / JULIETTE

# Canção de amor à culinária internacional

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Andar por cidades cosmopolitas como Nova Iorque, Paris ou Rio é ver como, ao mesmo tempo, se tem um panorama do desenvolvimento urbana, pela arquitetura de várias épocas. Um dos períodos de ouro foi o art-déco, que deixou locais de inspiração aos afetos. Os bistrôs autorais são o exemplo do que permanece até hoje. Juliette Bistrô Art Déco é um local para se sentir uma experiência rara.

Fomos recebidos para o almoço executivo (entrada, principal e sobremesa), no Rio Design Leblon, pela doce Sálua Bueno, sócia e somelière, que logo trouxe um ótimo rosé. O executivo que possui ótimas opções, dentro da política da casa, com ingredientes frescos, de pequenos produtores, sazonais, totalmente adequadas a todos os gostos. O tartare de atum com abacate veio bem montado, com o peixe corta-



Divulgação

Juliette

do a faca, com camadas de abacate, acentuando os sabores na garfada.

O Polpettine com gnocchi de batata ao molho de tomates assa-

dos e bacon crocante é daqueles principais que bastam a si próprios.

Gnocchi com o ponto certo, que não esfarela, a batata predominante,

o molho de tomate naquela proporção que não encharca. O bolinho de carne bem temperado, com a crocância da carne são praticamente

Romeu e Julieta.

Pedimos o mignon de porco com risoto à carbonara de puro interesse de sentir como o molho romano, um clássico de ovos, queijo e guanciale funcionaria em outra base. Carbonara é o meu favorito e fica muito, mas muito melhor no risoto do que na massa. E na linha que tudo no Juliette é um acerto, as sobremesas de pera com sorvete e musse de chocolate foram a combinação que fecha muitíssimo bem qualquer refeição. Imperdível.

## SERVIÇO

JULIETTE

**Leblon / Rio Design** - Avenida Ataulfo de Paiva, 270 - Rio Design, 3º piso

**Niterói / Plaza Shopping** - Rua Quinze de Novembro, 8 - 3º piso - Centro

**Barra / CasaShopping** - Av. Ayrton Senna, 2150 - Bloco D, Loja E  
Diariamente, das 12h às 22h

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Do mar e da terra

A Casa das Meninas Charcutaria Terra & Mar, no Centro Histórico em Paraty, é pioneira na produção de charcutaria de linha mar do Estado do Rio. São 36 produtos, de terra e mar, além de geleias, chutneys e antepastos. E para quem gosta de montar a própria tábua, tem a Terra com copa, bresaola, lombinho defumado e filetto dourado, com dois acompanhamentos, como chutney de abacaxi e queijos, mais azeitonas em conserva e pães crackers. Para celebrar o Dia do Consumidor (15/3), se postar no Instagram, na hora, ganha 5% de desconto.

Divulgação



Divulgação

### Celeste em dose dupla

Com uma seleção especial de drinks em dose dupla, de 17h às 19h, o DJ Marcelinho da Lua apresenta: Yaya Roots-Tech no Celeste. A Yaya traz a música do Brasil e de vários cantos do mundo tocadas em vinil, além de experiências sonoras analógicas e digitais. Marcelinho Da Lua sempre recebe convidados diversos no sistema de som mais único e quente encontrado no Rio. E com as delícias típicas das outras casas do grupo Lília, responsável pelo agitado Labuta (Bar, Braseiro e Mar) e o renomado restaurante Lília (Senado e CCBB). Toda quarta às 18h.



Divulgação

### Caipirinhas especiais

Bem ali, onde pousam os asas-deltas, está o quiosque QuiQui, com novos itens Tartar de Salmão com chips de batata; Guacamole (abacate, tomate, cebola e pimenta); a vegana Moqueca de banana da terra. E para harmonizar com os pratos e brindar muito, o QuiQui criou novas caipirinhas especiais. Nos dias 16 e 17, rola a Arena Sanca, um grande movimento de estímulo à vida com uma programação diversa para promover o esporte e a vida saudável. E ao fundo está o novo mural de graffiti do artista Samuel Wagner. Das 8 às 18, o acesso é gratuito.